

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONFERÊNCIAS. "A ESPIRITUALIDADE DA MULHER", POR D. EMILIA DE SOUSA COSTA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1927 | Número: 37

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Conferências. "A espiritualidade da mulher", por D. Emilia de Sousa Costa. *Revista de Guimarães*, 37 (4) Out.-Dez. 1927, p. 298-303.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conferências

Sôbre a conferência realizada pelo ilustre pedagogo Sr. Dr. Agostinho de Campos, no dia 28 de Novembro, no salão nobre da Sociedade M. Sarmiento, transcrevemos do «Comércio de Guimarães», de 29 do mesmo mês, as suas impressões:

« A Sociedade M. Sarmiento abriu ontem, com chave de ouro, a série das suas conferências.

O tempo frigidíssimo que estava não impediu que àquela Casa acoresse uma sociedade escolhida e ciosa de ouvir um dos primeiros pedagogistas portugueses.

A sala, que, como sempre, apresentava um aspecto festivo, à hora a que o conferente ali deu entrada estava completamente cheia. Entre a assistência viam-se muitas senhoras, professores, militares, advogados, médicos, industriais e comerciantes, estando também largamente representada a Academia.

Subiu ao estrado o nosso presadíssimo amigo, Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que pela ausência forçada do Presidente daquela Casa, Sr. Dr. José de Oliveira Bastos, foi escolhido para nos dizer quem era o conferente.

E assim, quando a assistência esperava apenas ouvir as palavras da praxe, mais ou menos buriladas, teve o prazer de ouvir uma brilhante conferência, que só por si preencheria um belo serão.

O Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, advogado talentoso, com palavras cheias de eloquência, elegantes e graciosas, descreveu o estado mórbido da sociedade, e, rapaz novo, deixou-nos ver o desalento que o invade, por a sociedade ter resvalado para a podridão que a empesta

S. Ex.^a fez depois a apresentação do conferente, dizendo-nos quem íamos ter o prazer de ouvir.

O Sr. Dr. Agostinho de Campos foi carinhosa e entusiásticamente acolhido pela assistência.

Após algumas palavras de agradecimento, entrou na sua conferência.

Temos pena de não podermos acompanhar o seu belo trabalho. Nem a nossa inteligência o permitiria, nem a pena modesta e obscura de que nos servimos, poderia traçar as palavras que ouvimos. Quando o tentássemos, iríamos ofuscar o brilho e o encanto de tão belo trabalho.

— *As pedras falam*, ou — *Portugal visto de Guimarães* — foi o belo e sugestivo tema da sua Conferência.

Teceu hinos de glória e louvor à nossa Terra; Terra Sagrada, disse S. Ex.^a, de trabalho, de honra e nobreza.

— *As pedras falam* — dissertou largamente sôbre o nosso Castelo, sôbre as suas pedras, oito vezes seculares. Foi ali, disse S. Ex.^a, que nasceu Portugal! Referiu-se, com dados históricos, ao nascimento e juventude do primeiro Rei Português, dizendo fazer no ano presente oito séculos que o Rei de Leão pôs o cerco a Guimarães.

Divagando um pouco, escarpelizou a vida portuguesa, pondo a descoberto as suas chagas, que empestam e contaminam.

Falando sôbre política, fê-lo de uma forma genérica, tirando conclusões felizes, que o público aplaudiu e palmeou.

Pintou um quadro belo, fê-lo cercar de luz, e nêle colocou em alto pedestal, um homem, um estadista, que em outra qualquer nação, diz S. Ex.^a, teria salvo a Pátria, que honra e ennobrece.

O Sr. Dr. Agostinho de Campos, que é um pedagogista de nome, mostrou-nos também ser um crítico severo, mas consciencioso e recto.

O seu trabalho, cuja leitura levou perto de uma hora e meia, foi, por vezes, entrecortado de salvas de palmas.

No final, a assistência, de pé, fez-lhe uma quente e entusiástica manifestação, que S. Ex.^a, comovido, agradeceu. >



Dr. Agostinho de Campos

Do mesmo jornal, de 13 de Dezembro, transcrevemos a notícia sôbre a conferência que a ilustre e distinta escritora Sr.^a D. Emília de Sousa Costa veio realizar, em 12 do mesmo mês, à S. M. S., subordinada ao tema — *A espiritualidade da Mulher* :

« A conferência da ilustre escritora Sr.^a D. Emília de Sousa Costa, foi uma conferência de brilho, de destaque, que marcou um lugar de honra dentro daquela colectividade e ficou guardada, sau-

dosamente e para sempre, pela doçura, pelo trato, pela bondade e pelo suave caminhar das imagens e dos ensinamentos, dentro dos corações de tôdas as Senhoras que tiveram a felicidade de a ouvir.

Distintíssima era a assistência, e assim, para honra nossa e para galhardia aos nossos visitantes, em dedicada missão intelectual a dentro da benemérita Sociedade, devia ser sempre a representação airosa das Senhoras da nossa terra, que desta vez se juntaram em maioria e foram o ramo mais lindo que em festas de tão respeitoso templo temos visto.

Se a curiosidade as chama, é necessário que o interêsse as obrigue a ir ao ponto onde podem receber a doçura espiritual de bons e preciosos ensinamentos.

Tôdas as classes sociais, tôda a fidalguia, tôdas as colectividades estavam ali representadas.

E a conferência teve uma nota distinta de intróito, teve a graça, a elevação espiritual, teve o sorrir de uma alma moça, irmã em sentimento e sensibilidade, irmã no carinho e na doçura da alma da senhora talentosa que ouvimos, teve a conferência a nota distinta da saudação feita a D. Emília de Sousa Costa em nome e a pedido da Direcção da Sociedade M. Sarmento, pela aluna do segundo ano do Curso Superior de Letras, a menina Angélica Almeida, filha do Sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

Foi uma nota delicada, ideia feliz, um receber gentil, um dizer modesto e sem affectação nem arranjos literários, sincera saudação, íntima, em nome da Casa e das Senhoras presentes, que calhou e foi dignamente apreciada pela Sr.^a D. Emília de Sousa Costa e por todos os presentes.

Foi a primeira vez, como já dissemos em o nosso último número, que uma Senhora se apresentou a falar em conferência, na benemérita Sociedade M. Sarmento. Foi a primeira vez; mas a escolha, pelo valor da escritora e da intelectual, teve um alto significado moral, honrando sobremaneira as tradições da Casa, no ponto essencial da sua divisa, que reza protecção à instrução e ao difundir e apregoar de boas lições.

A ilustre conferente, que trajava uma elegante *toilette* de veludo preto, que mais fazia realçar o busto elegante da sua figura esbelta, foi carinhosamente recebida pela assistência.

Principiou então lendo, com mimo, elegância e arte, o seu primoroso trabalho literário, que teve a assistência electrizada, suspensa de seus lábios, não a entrecortando com aplausos, com receio de ir quebrar o encanto que espalhava...

Principiou, falando com amor e patriotismo da nossa cidade, descrevendo um pouco da sua, da nossa história, porque Guimarães foi o berço da nacionalidade portuguesa.

Não se esquecendo que estava numa das primeiras cidades do Minho, teceu, contando uma história chinesa, um hino aos costumes da nossa região, costumes são, úteis e produtivos.

Entrou depois, S. Ex.^a, na descrição do seu trabalho, a que chamou um serão.

Belo, empolgante e cheio de ensinamentos.

Foi a primeira vez que ouvimos uma senhora falar com tanta arte e tanto desassombro, expondo os seus fins, com precisão e conhecimento.

Colocou a mulher em pedestal dourado, comparando-a ao homem, na cultura, na inteligência e na educação.

Exemplificando os seus pontos de vista, provou como a mulher, que cultivava as letras, tem dado provas do seu aior ao trabalho, do carinho pelo seu espôso e pelos filhos e pelo culto do seu lar.

Citou mulheres célebres, que escreveram páginas brilhantes na história mundial, dizendo só ser ridícula a mulher inculta e sem educação.

Pedi que tôda a mulher se compenetrasse do seu papel, dos seus deveres, para que o homem a respeitasse e lhe reconhecesse o mérito que realmente possui.

Descreveu, com realidade, a forma mesquinha como o homem aprecia os trabalhos da sua companheira, que as mais das vezes, é o mais forte esteio da felicidade do lar.

Disse que não aprovava que a mulher se imiscuisse nas lutas políticas, que enxovalham o homem; mas que ela tinha o direito de ser a leal cooperadora de seu marido, em seus trabalhos profissionais, ou mesmo na direcção de negócios públicos.

A mulher de hoje, disse a conferente, deixou de ser *bibelot* de adôrno, para ter a necessidade de fazer trabalhos práticos, que, ou sejam o encanto da sua casa, ou amanhã, o ganha-pão seu, e dos seus.

Incitou os pais, que ministrassem educação sólida e prática a suas filhas, fazendo-as conhecer e apreciar a superioridade do seu sexo.

Contestou o modo de pensar de certos homens políticos do nosso tempo, que vêem na mulher um ser inferior, incapaz de desempenhar papéis importantes, quando a História imparcial e justiceira se encarrega de os desmentir.

Descreveu, com arte e mimo, o quanto o homem deve à mulher, desde o período da gestação. A mulher é, foi sempre — a sua vida, o seu amparo, o seu apoio e a necessidade do seu viver. Se o homem tem a recomendá-lo a força física, a mulher tem o trabalho persistente, tem a bondade, a clemência — o amor!

Raras vezes, como hoje, sentimos a pequenez e a nulidade da nossa pena. Se o seu bico fôsse de ouro, e pudesse transmitir ao papel os reflexos da empolgante conferência que ouvimos, ainda assim não conseguiríamos dar uma pálida ideia do belo trabalho da Sr.^a D. Emília de Sousa Costa.

No final, a assistência fez-lhe uma quente e entusiástica ovação. »

Do mesmo jornal, de 16 de Dezembro, transcrevemos a notícia sôbre a conferência que o consagrado romancista Sr. Dr. Sousa Costa veio realizar, em 13 do mesmo mês, à S. M. S.:

« Realizou na terça-feira passada, no salão nobre desta colectividade, a sua conferência — *A Mulher na Revolução Francesa* — o apreciado romancista e brilhante escritor, Sr. Dr. Sousa Costa.

O tempo estava desabrido e chuvoso; mas, apesar dessa contrariedade, o salão encheu-se por completo, sendo a assistência, em grande parte, constituída por senhoras da nossa melhor sociedade.

A apresentação do conferente foi feita pelo douto advogado e nosso presado amigo o Sr. Dr. Eduardo d'Almeida.

S. Ex.^a, recordando a sua alegre, feliz e despreocupada mocidade, os tempos de estudante, os episódios passados entre os colegas, entre os quais estava o Dr. Sousa Costa, que em Guimarães, no extinto Colégio de S. Dâmaso, ensaiou os primeiros voos da sua vida literária, disse o que era o estudante de então, e o homem que, vencendo a vida, íamos ter o grato prazer de ouvir.

A conferência, foi uma bela página da história da Revolução Francesa.

Acompanhando minuciosamente essa triste história, foi enumerando os papéis importantes que as mulheres ali representaram.

Citou simples mulheres do povo, senhoras ilustres, princesas, e a Rainha *Marie Antoinette*, essa heroína que, concentrando sobre si o ódio de uma Nação inteira, soube, até subir ao cadafalso, ser sempre a soberana altiva e digna, e a mulher meiga e heróica!

E, nessa ordem de ideias, o orador, pintando quadros vivos, transportou-nos aos horrores da Bastilha, aos massacres, às violências e finalmente à justiça!

A sua oração foi sempre escutada com interesse.

No final foi muito cumprimentado.»

Do semanário «Ecos de Guimarães», de 24 de Dezembro:

«A vinda a esta cidade de D. Emília de Sousa Costa, escritora distintíssima, despertou um grande e justificado interesse.

Era a primeira vez que, na Sociedade Martins Sarmento, se ouviria uma voz feminina a proclamar e a demonstrar a *Espiritualidade da Mulher*. Ia-se assistir a um serão de arte ainda inédito.

A' Sociedade tem vindo de tudo — oradores distintíssimos, de grande bagagem literária, que arrebata e empolgam a assistência, — mas, até agora, ainda não tinha sido ouvida uma mulher, o que, de certo modo, justifica o interesse despertado. D. Emília de Sousa Costa tem já um nome feito. As suas palavras são vibráteis, empolgantes, cheias de beleza, como as páginas suavíssimas e belas dos seus livros.

O tema foi bem tratado, se bem que, num e noutro ponto, tenhamos que discordar das suas ideias. Mas, no conjunto, o tema, exposto com clareza, era de boa técnica.

A assistência aplaudiu e tributou a D. Emília de Sousa Costa, nessa magnífica noite de 12 do corrente, a sua estima e admiração.

*

O dia 13 foi destinado à conferência do Dr. Sousa Costa, que falou sobre *A Mulher na Revolução Francesa*. Conquanto o assunto seja escabroso e já por várias vezes repetido, combatido

e exaltado, Sousa Costa soube expô-lo com muita clareza e exactidão. Não aplaudiu nem louvou os actos dos homens da Revolução, que, até agora, eram elevados à categoria de semi-deuses. Hoje, como ontem, a História repete-se. E a grande Revolução, como era chamada, depois de se ter alimentado do sangue de tanta vítima inocente sacrificada aos proclamados *direitos dos cidadãos*, foi consumando o sacrifício dos seus próprios filhos.

Demonstrou-o claramente o Dr. Sousa Costa, tendo passagens soberbas na referência feita ao sacrifício imposto a Maria Antonieta.

Assistência numerosa e distinta.

Foram dois magníficos serões de boa arte que ficam a marcar o esforço inteligente da Direcção da Sociedade Martins Sarmento. »

Do «Diário de Notícias», de Lisboa :

« Guimarães, 14. — A conferência que o conhecido romancista Sr. Dr. Sousa Costa realizou ontem nesta cidade, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, subordinada ao tema «A Mulher na Revolução Francesa», foi cheia de interesse e reveladora dum trabalho de síntese histórica.

Tôdas as mulheres sacrificadas naquele período agitado da Revolução Francesa foram brilhantemente desenhadas, especialmente Maria Antonieta.

O conferente, ouvido por numerosa e distinta assistência, foi no final muito ovacionado. »